

REVISTA

Redactor-proprietário — SAMPAIO JUNIOR

SEMANARIO INDEPENDENTE

Collaboradores — DIVERSOS

Redacção: Largo do Moreado, N. 10; Telefone: N. 208 — Assinaturas: por anno, 12\$000; 6 meses, 7\$000

ANNO 3

S. PAULO — ESPIRITO SANTO DO PINHAL, 27 DE JULHO DE 1922 — BRASIL

NUM. 127

BIBLIOGRAPHIA

Brasília Cardosa, «Heptacordo», Poetas —
Typ. Editora Olegária Ribeiro — São Paulo — 922

Deixam de ter emula no Brasil a excelência poética que é Brasília Cardosa.

O seu recente livro de poesias que acabo de receber de São Paulo é a confirmação positiva dessa verdade. A própria repetição difícil encontrada nelle põe de espanto para os seus leitores.

O «Heptacordo» foi idealizado para o deleite máximo dos artistas consagrados e dos litteratos superiores, e do deslumbramento do «Plectro», seu livro de esdras, atingindo a perfeição.

Seus sonetos da sua divina Musa não lhe são «banal-vulgar e descaído do common das poesias escriptas por milhares», de que nos fala João Ribeiro, no prefácio dos «Marmores», de Francisca Julia. Nelle não se nota o puerilismo do romantismo cadivo; sobressa, pelo contrario, a nítida distincção dos elos da esthetica moderna em todas as suas formas incalculáveis e bellas.

Brasília Cardosa é da camphada dos incalculáveis da poesia impressa, ou puramente descriptiva; pertence á fita dos cinezelos do verso, dos incomparáveis cultores da forma e da perfeição, dos buriladores da rima, que vivem por magnos artistas: Banville, Leconte de Lisle e Maréchal, na França; Alberto de Oliveira, Bile e Raynald Corrêa, no Brasil.

E ella propria que o confessa no seu *Sonho de artista*:

No anseio de subir á resplendente altura
Do teu pouso sereno, Arto divina e eleito,
Som treito, ligo e canto: á força que o tortura,
O verso auge e bato; ao meu suor sujeita,

Torço a fibra e nudo; ardo, á cinzeladura,
O estylo auge e abraço a rima que delita;
D'alma vibrante doê-la harmonia, a flexura;
Doê-lhe a expressão e o animo; ergo a idéa perfeita.

O «Heptacordo» está dividido em quatro partes distintas: *Cordas, Vibrações bellas, Canto plectro e Vibrações de Musa*.

Abre o livro uma suggestiva *Invenção* que a autora dirige á Musa:

Musa, estrella do verso, alma com que propago,
Merced da tua graça, o bem que me extasia,
Dá-me um canto, sereno, ao teu influxo mago,
Dá-me a nobre altivez de eleito da poesia.

...tampo-me n'alma a corda
harmonica do verso; e de áureas raras bôrdas
A melodia cingo que aos lajos me afloar.

E balza o teu Amen, ô Musa protectora,
Por sobre a invenção da onada sonhadora,
Que as cordas do *Heptacordo* almas, e vae cahir.

Após, uma successão de melodiôtas notas, Brasília Cardosa ao bom gosto artistico do publico esclarecido nos dá as seguintes concepções, cheias de belleza classica e de harmonia ethica.

Evoca nos espelhores da Grécia, das civilizações extintas, n'uma exaltação seductiva: canta as maravilhas do Oriente, desde Egypto lendário dos Pharaós e, chegando até nós, concebe quindos bellas magistrais, em rythmo aéreo, que vibram como clarins.

Canta, em sonetos de porphyro e ouro, o *anepalmo de guerra*, e termina:

Ora abalço, ora acina, as espiraes do ardor,
Deixa a nurem se occulta, e fignido á manobra
Do adverso caçador, o choquo no ar stalla.

Numa entragica heroica, á investida traço,
E da altura em que espôrta á bella peleja,
Por sobre a terra, joga o explosivo e a metralha.

Canta o *submarino*, e conclue:

De emboscada, sob a agua embravecida ou mansa,
Não se lhe ouve sequer um levisimo rumor;
Porém, quando o torpedio á quilha adversa lança,

Nella ha que o estrondo impeça e que os seus danhos corte;
Como um genio de mal, pela guerra impellido,
O submarino espalha a destruição e a morte.

Canta o *O canhão*, e finalisa:

Na campanha do mal, mais rapido que uma aza,
Raio de acção, diffunde a morte, a derrocada,
A humanidade prostra, e as cidades arrasa.

E assim — bocca de fogo e da fúria que altera,
Desde a zona de sangue, á montanha, á esplanda,
Formidando, o canhão abala o espaço e a terra.

Canta ainda *O clarim*, *A espada*, *O porte-bandeira*, *O soldado*, *O prisioneiro*, *A guerra*, *A duma do Cruz Vermelha*, *A paz*, e, por ultimo, fecha a serie com aires cha, enaltecendo *A bandeira de Brasil*:

Sob o seu pallio augusto, ao som do hymno sagrado,
Vibra a voz da justiça e freme a liberdade;
Eslam glórias de heróis e bravos do passado.

E, a ouvir-se no Pêndulo, de joelhos á alma inteira,
Mal contendo este seio da ençôque que nos invade,
E o orgulho que me ufana a alma de brasileira.

A imaginação da poetisa é pennipotente, vós alta, pervale a seu sentimento, ora lyrico e descriptivo, ora heroico, e assim nos recheia as espingas, as pyramides, o areal, as miragens do Oriente, os dromedários, o simon; fala nos de Apollodoro, de Hercules, de Theseo, de Ariana, de Jason e de Pan, revivendo os tempos fabulosos em versos selectos e de castizo lavor artistico.

Ouvimos, elevados pela phantasia, os seus isochronos que os seus deos vibrante sabem ferir nesse *Heptacordo magico* que ella herdou dos deuses, num dia em que deambul pelo Olympo.

Leitamos na integra, um de seus sonetos:

A ESPHINGE

Corpo de leão, extenso; alta, a cabeça humana,
No mole millenar, em tranquilla postura,
A esphinge se debruça... Arda a umbella africana,
E encende o areal que ao sol flammívoro fulgura.

Ruja o esfinge atroz que o céo fustiga e empana,
Da serphico o mesmo olhar, perdido na planura,
Impassivo, abstracto, encontra a caravana
Que lhe perscrute um gesto e fite a cadadura.

A destruidora acção do tempo, resistente,
Sem vultu colossa, que os seculos attinge,
E o marco de terror de dynastia ingente.

Symbolo da éra atroz, para a terra o o infinito,
Da acravido que argente, toda mysterio, a esphinge
Guarda a tortura e a dor, no seio de granito.

E são assim todos os seus versos. O seu poder descriptivo, o vigor de seus traços, a belleza de suas linhas dão as suas concepções que possuem, como eu já disse algures, a rigidez dos marmores de Carrara e as sonoridades dos bronzes florentinos.

Em qualquer uma das partes em que está dividido o livro, Brasília é sempre a mesma artista de estro alancardoso e plástico.

Tasso da Silveira que prefere ao parnasianismo torso e vibratil, as tentativas de inovação por que tem passado nestes ultimos annos de ankilose espirital a poesia no Brasil, que é, como tãez, de outros, advirto á escola que Theodore de Banville iniciou na França, confessando não duvidar que tem moldes parnasianos ainda possam ser vassallos, entre nós, vibrantes poemas duradouros.

E tem razão de assim pensar o grande poeta e rigoroso analysista, Brasília Cardosa, nestes casos de ser creador de um desses poemas, pois sabe lles do verso estremecidamente ineditos, e transmiti-lhe a força dynamica da emoção fundamente sentida. Afasta-se por completo do common dos neo-parnasianos que deslumbram a escola. O seu livro «Heptacordo», que nos annua para breve, vae ser, de certo, um daquelles poemas duradouros. Esperemolo.

Aqui deixo adunbrado, como noticiaria, o que é o «Heptacordo», de Brasília Cardosa, que nos faz pensar na harpa cello de Schell; compete agora ao critico a missão de esmiuçar-lhe as bellezas guardando a autora com o lauro dos predestinados.

JACQUES ROLLA

(Da Academia Pernambucana de Letras)

(D'A Semana, de Belem, Pará, de 3 de junho de 1922)

JOSÉ LANNES

VANA, Typographia Piratininga, S. Paulo, 1923.

Esta collectanea de versos que se fóra de uma bella capa, artisticamente illustrada por Pain, é uma das melhores que os publicos nestes ultimos tempos em S. Paulo onde as letras incontestavelmente tomam o impulso, vigor e o brilho das mais evoluídas arias do Brasil.

José Lannes é uma organização de pensador e de poeta deliaado, que tanto diz da sua especialidade, pela pujança das ideias como deliaa, pela sonoridade dos rythmos.

«A sua technica já é de um artista seguro, e as suas concepções são profundas animadas por suggestões philosophicas:

VANA

O bem, que menos dura me é mais raro...
O ephemero o fugaz são a semente
De que em meu interior jedim doleite
Nasce e floresce o lil do sonho raro...

Dentre as virtudes de teu ser preclaro,
amo a tua belleza adolescente...
Porque é para ella, meu amor, somente,
que ha de o ceo ser ultrix e o tempo avaro...

E quando tudo mergulhar na treva
— na hora em que os corpos a alacria invade —
e sobre as almas, em silencio, nevo,
só rebrão no verso, revividas,
as vias que, por tua brevidade,
foram apenas illusões de vidas...

A philosophia do poeta, porém, não é a dos tortos dos pela tenda da duvida que estola a alegria, anniquila razão, e es porte nos indecifrabiles enygmas da nastaphisica.

Nos seus versos não se notam as revoltas dos desesperados lampoco, e sim a resignação dos que experimentam as provações da existencia, umibnos aos revezes da sort e se julgam felizes no sofrimento, só porque amam á vida e á humanidade; só porque estallam o bem e contemplem um trecho da natureza prodiga e amica, onde o seu corço se desliza de amor e a sua alma, se enleva por tua quanto é bello, expandindo-se em ternuras e aneios:

E é tamanho o doleor que experimento
em te dizer, ô mar, o meu tormento,
que, por eternamente t'o diserte,vivo num torvelim a todo instante,na ancia indizível, na ancia delirante,
na ancia infinita de ainda mais soffrir!

O poeta aceita a vida como um bem que lhe vae de mysterios da natureza fecunde, e abençoa a terra onde se prima os traços da sua possessão, exaltando a belleza, o mor e a virtude, e na sua trajetória do humano, vae ser acompanhado da confortadora

ESPERANÇA

Fulgente e linda como um sonho de ouro,
has de seguir conmigo a vida inteira,
men verdeldeiro e unico thesouro,
minha unica alegria verdeldeira.

Meiga, enzugando meu afflicto choro,
si tu me foste deçol companhira,
quando en era menino impetuo e louro,
sol e has tambem, na hora derradeira.

E quando nos meus sonhos reideres
cubir a rede da velhice, que ha de
gelar o coraço que em ti desanga,
e de esperança não mais tiveres,
— ficaras sendo então rosa saudade
d'aquelle tempo em que eu esperava...

São assim todos os versos de José Lannes, de uma p roza benetica e consoladora, e o poeta, na sua arte já se apresenta como simples burilador de rimas, e sim como a tista que nesta collectanea nos dá o cunho da sua propria individualidade.

IRANTINA CARDOSA

A Sulina

A melhor revista literaria paulistana

ARTE E GRAÇA

Director-Emilio Gonçalves

Redacção: R. Piratininga, 121
SÃO PAULO

JOÃO JORGE, FIGUEIREDO & Cia.

Importadores e Commissarios

UNICOS DEPOSITARIOS DOS AFAMADOS GENER'S
«FORMICIDA PESTANA», SAL TRIUMPHO E
ARAME ONÇA

Matriz: TRAVESSA DO GRANDE HOTEL N. 12
Caiçua 33—São Paulo

Filial: FERREIRA PENTEADO, 166—CAMPINAS
RUA RIO BRANCO, 2 e 4—SANTOS

Representante nesta zona: Antonio de Queiroz Miranda

AO PONTO

Bar e Confeitaria

Completo sortimento de bebidas finas
nacionais e estrangeiras.

Vinhos excellentes para mesa.—Molhados finos
conservados em lato, doces e salgados

Confeitaria - Doces excellentes diariamente.
Aproprados para encomendas para
festas, bailes, casamentos e baptisados

Alberto Avelino da Silva & C.^{ia}
ESP. SANTO DO PINHAL
Largo da Matriz, 20 — Telephone, 210

AO MERCADINHO

Este afreguezado e conhecido estabelecimento, de propriedade do sr. Francisco Antunes, sito à Rua Barão de Motta Paes n.º 36, em predio proprio, espacoso e hygienico, possui um grande variado «stock» de mercadorias de primeira qualidade, como secos, molhados, lanchas e ferragens, além de uma bella secção de fazendas e armarinhos, cujos preços não têm competidores na praça. Todos os artigos são superiores e garantidos pelo seu proprietario, cuja seriedade tem feito prosperar immenso o «Ao Mercadinho». Façam já as suas encomendas pelo teleph. 113.

PREFIRAM SEMPRE A

CERVEJA FIDALGA

Com capsulas premiadas de 2 a 100\$000

PEDIDOS A' COMPANHIA GUANABARA
S. PAULO - - - CAIXA POSTAL, 1269

GRANDE PADARIA DOS IRMÃOS MOUTINHO

DE

Avelino Moutinho & Irmão

Neste estabelecimento encontra-se um variado
sortimento de Biscuits, Bolachas, Balas e Bonbons
CONSERVAS FINAS, CHA', ETC.

Rua José Bonifacio, 85 — E. S. DO PINHAL

CASA DE DESCONTOS

DE

J. A. VILLAS BOAS

CORRESPONDENTE DO BANCO COMMERCIAL E DO BANCO DO BRASIL

Descontos e emissões de cheques e outras operações financeiras

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, N. 4 — ESPÍRITO SANTO DO PINHAL